

Reflexões sobre relações de gênero no texto de Daniela Finco

Gustavo Sousa

“Menino veste azul e menina veste rosa” essa polêmica frase da Ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, gerou estouro nas redes sociais durante sua posse. Mas será que meninas e meninos só podem usar azul ou rosa? Há sexo ou gênero nas cores? De onde vem esse pensamento estereotipado que rosa é de menina e azul é de menino? O texto *“Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil”* de Daniela Finco nos convida a refletir e compreender os sentidos do conceito gênero. E como diz a autora “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. **É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relações a homens e mulheres.**” (FINCO, 2003, p.91) Ou seja, quando falamos em gênero precisamos ter em mente que as relações de gênero são formas construídas pelo simbolismo da sociedade. E para estudarmos as relações de gênero, e principalmente, nos espaços escolares precisamos ter sensibilidades. Sensibilidades como um ato de alteridade e de compartilhar. Afinal, os estudos de gênero nos conduzem para três verbos/ações importantes: **ver, ouvir e sentir**. Ou como escreveu Daniela Finco para entender as questões de gênero nos ambientes educativos é preciso que “os sentidos estejam afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir e sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer do cotidiano escolar.” (FINCO, 2003, p.92). Afinal, em nossa sala de aula nossos alunos são diferentes. Nem sempre os meninos estarão de azul e as meninas estarão de rosa. Precisamos garantir um espaço escolar para que eles e elas se sintam livres para estarem como quiser. Afinal, a escola deve ser um espaço de libertação, de autonomia, de construção do conhecimento, empatia e, principalmente, de valorização da diferença.

O texto de Daniela Finco nos provoca muitas inquietações. A principal delas é perturbar uma visão conservadora da sociedade. Quando falamos de conservadorismo no texto de Finco estamos a definir aquela visão que entende, por exemplo, que o espaço da mulher é na casa, mãe, submissa. E que cabe ao homem o sustento. E nós sabemos que hoje esses papéis se invertem em nossa sociedade. Pois há mulheres que chefiam as casas e homens que realizam as tarefas domésticas. Então o primeiro ponto que Finco diferencia é que **gênero e sexo não são as mesmas categorias**. É bom mentalizarmos de novo: **gênero e sexo não são as mesmas categorias**. Olha o que a autora observa:

É importante que se compreenda que o fato de um menino brincar com uma boneca ou de uma menina brincar com carrinho não significa que eles terão uma orientação homossexual. De acordo com Louro (1998) e Felipe (1999), a preocupação do adulto em

relação à orientação sexual da criança aponta para a "obsessão com sexualidade normalizante": há uma vigilância exercida desde os primeiros anos de vida não só pela família, mas também pela escola, para que se possa garantir a manutenção de uma masculinidade considerada hegemônica. "

Ou seja, as cores e as atividades profissionais não estão ligadas ao sexo de homens e mulheres. A ministra deveria saber que se o menino veste rosa e a menina veste azul isso em nada modificará o seu sexo. Agora a questão da sexualidade é de outra prosa. E é disso que precisamos falar: **gênero**. Mas antes uma outra autora norte-americana chamada Judith Butler escreve que "o conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido, formaram o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas "desnaturalizadoras" sob as quais se dava, no senso comum, as associações do feminismo como fragilidade de submissão, e que hoje servem para justificar preconceitos" (BUTLER, 2005)). É importante, mencionar que a importância das questões de gênero também passa pela valorização do feminismo. Apesar do texto da Daniela Finco não aprofundar nas lutas do feminismo, ele nos serve como uma reflexão em defesa de uma sociedade e de uma Educação Infantil sem um olhar sexista e do adultocentrismo. Por adultocentrismo Finco pondera "E, ao considerar que nem sempre elas estão fazendo aquilo que os adultos querem ou esperam que elas façam, propus-me a tratar o tema das relações de gênero a partir de uma perspectiva diferenciada, na tentativa de um olhar não "adultocêntrico", observando atentamente as transgressões. (FINCO, 2003, p.91)

Por fim, o texto de Finco contribuirá para questionar algumas mensagens que são atualmente espalhadas pelo Brasil. Pois, há quem acredite em *kit gay, mamadeira de piroca, ditadura gayzista* entre outras fantasias. Como dissemos, anteriormente, o estudo das relações de gênero servem como um exercício de sensibilidades. Pois, em nossa sala de aula há múltiplas identidades. E, nós, como professores e professoras precisamos garantir um espaço para o aprendizado, para socialização e para a sociabilidade.